

Capítulo I

Quatro pobres doentes

«Pobre Lena», exclamou uma vozita triste à porta do quarto. «Pobre Lena! Assoa-te, pequena.»

Ouviram-se fortes fungadelas e depois uma tosse seca. Fez-se então silêncio, como se quem se encontrava do lado de fora estivesse a escutar aguardando qualquer resposta.

João deitou-se e olhou para Filipe, que ocupava a outra cama.

— Filipe... Não te importas de deixar entrar a *Didi*? Parece tão triste...

Filipe, com um movimento de cabeça, anuiu.

— Está bem. Desde que não grite nem faça muito barulho... Estou melhor da cabeça, graças a Deus.

João levantou-se da cama e dirigiu-se para a porta com passo incerto. Ele, Filipe e as duas pequenas tinham sido atacados por uma forte gripe da qual se achavam convalescentes, mas sentiam-se ainda bastante fracos. Filipe fora o mais atingido, sendo-lhe impossível suportar a presença da catatua no quarto. O animal imitava as tossidelas, os espirros e todos os outros sons. O

pobre Filipe, apesar da estima que sentia pelas aves e pelos restantes animais, sentia ganas de atirar chinelos, livros ou qualquer outra coisa que estivesse à mão ao desconcertante pássaro.

«Pobrezinha», murmurou João. Logo a seguir a ave voou-lhe para cima do ombro. «Nunca te havíamos obrigado a ficar lá fora, não é verdade? O barulho que fazes desagrada a quem está com dores de cabeça, minha velha. Quase fizeste enlouquecer o Filipe com a tua imitação de um avião avariado!»

— Cala-te! — exclamou Filipe, estremecendo só de pensar em tal. — Tenho a impressão de que nunca mais voltarei a rir-me dos ruídos da *Didi*.

Tossiu e procurou às apalpadelas o lenço que estava debaixo da almofada. A *Didi* tossiu também, mas muito discretamente. João sorriu.

«É inútil, *Didi*», observou. «Tu não estás constipada, por isso escusas de fingir.»

«Inútil, inútil. Limpa os pés! Fecha a porta!», imitou a *Didi*.

E soltou uma gargalhada.

«Não. Ainda não estamos dispostos a rir-nos das tuas idiotices, *Didi*», prosseguiu o dono, voltando a meter-se na cama. «Não sabes desempenhar o papel de quem visita um enfermo? Gestos simpáticos... Voz baixa... Todas essas coisas.»

«Pobre Lena», fez a ave.

E aninhou-se o mais que pôde contra o pescoço de João, exalando um enorme suspiro.

«Não... não suspires para o meu pescoço, por favor!», implorou o pequeno. «Tens dó de ti própria, *Didi*. Anima-te. A nossa temperatura baixou e hoje todos nos sentimos melhor. Depressa nos levantaremos outra vez e aposto que a tia Lia ficará contente com isso. Deve ter-lhe dado muito trabalho cuidar de quatro pobres doentes.»

Abrindo a porta cautelosamente, a tia Lia assomou à entrada do quarto.

— Ah! Estão acordados! — exclamou. — Como se sentem? Querem mais um pouco de sumo de limão?

— Não, obrigado — respondeu João. — Mas sempre lhe direi, tia Lia, que já, já... imediatamente... me apetece um ovo cozido e pão com manteiga! Ocorreu-me subitamente ser isso o que mais desejo do mundo neste instante.

A tia Lia riu.

— Ah... então sempre estás melhor! Também queres um ovo, Filipe?

— Obrigado. Não quero nada.

«Pobre menino, pobre menino», murmurou a *Didi*, erguendo a cabeça para fitar Filipe e soltando uma risada.

«Cala-te!», ordenou-lhe o rapaz. «Ainda não estou disposto a deixar que se riam de mim, *Didi*. Se continuas para aí a palrar vais outra vez lá para fora.»

«Silêncio, *Didi!*», ordenou João, e deu uma palmada no bico do pássaro.

O animal aconchegou-se novamente ao pescoço do rapaz. Não se importava de estar calado se o deixassem continuar ao lado do seu querido dono.

— Como estão as pequenas? — perguntou João.

— Oh, muito melhor! — tranquilizou-o a tia Lia. — Melhoram mais depressa do que vocês. Estão a jogar às cartas. Mandam perguntar se podem vir aqui, à tarde, para conversar um pouco.

— Por mim, ficaria encantado — respondeu João. — O Filipe é que talvez não seja da mesma opinião. Não é verdade, Filipe?

— Veremos — resmungou o outro. — Ainda me sinto bastante indisposto.



— Não te preocupes, Filipe — aconselhou a mãe. — Encontra-te em plena convalescença. Amanhã estarás melhor.

Tinha razão. Na tarde seguinte, o rapaz sentia-se já tão animado que consentiu que a *Didi* palrasse e cantasse até se fartar. Autorizou-a mesmo a imitar um comboio ao entrar num túnel, o que fez com que a Sr.^a Cunningham subisse as escadas a correr.

«Oh, não!», exclamou. «Esse barulho não! Por favor, *Didi*! Não posso suportá-lo cá em casa!»

Dina olhou para a mãe e estendeu-lhe a mão.

— Que mau bocado passou, minha mãe, com o tratamento de todos nós. Sinto-me contente por a mãe não ter também apanhado a gripe. Está muito pálida. Oxalá não adoença. Diga-me que não, minha mãe.

— Creio que não irei adoecer. Apenas me sinto um pouco cansada de tanto subir e descer as escadas para vos atender. Mas depressa estarão de novo de pé e poderão ir para o colégio.

Ouviram-se quatro gemidos em uníssonos, logo seguidos pelo maior de todos, exalado pela *Didi*.

— O colégio! — exclamou João, aborrecido. — Porque nos lembrou isso, tia Lia? Seja como for, custa-me ter de ir para o colégio depois de começar o período. Todos se acostumaram e já sabem com o que contam... Quase nos sentimos uns novatos.

— Que compaixão sentem por vocês próprios! — comentou a Sr.^a Cunningham, sorrindo. — Bem, continuem entretidos, mas não consentam que a *Didi* faça imitações de aviões, comboios, automóveis ou tratores.

— Pode ficar descansada — garantiu João.

E dirigindo-se severamente à *Didi*:

«Ouviste, pássaro tonto? Porta-te com juízo... se pudes.»